
*DESENVOLVIMENTO REGIONAL NA
PERIFERIA AMAZÔNICA
Organização do espaço, conflitos de interesses e programas
de planejamento dentro de uma região de "fronteira"
O caso de Rondônia **

MARTIN COY

Geógrafo

Geographisches Institut

Universität Tübingen

Hölderlinstraße 12

7400 Tübingen 1, RFA

Tradução: ELIZABETH MARIA SPELLER

RESUMO

A região analisada é considerada uma das frentes pioneiras mais dinâmicas da Amazônia brasileira. Durante os últimos anos, o desenvolvimento regional rondoniense era caracterizado por fluxos migratórios contínuos de camponeses "expulsos", procedentes das regiões rurais do Sul e Sudeste brasileiro. Por outro lado, a colonização pública feita pelo Incra na base da distribuição de lotes de 50 a 100 hectares constituiu outro fator decisivo para o desenvolvimento rondoniense. Embora Rondônia tenha sido considerado frequentemente uma fronteira agrícola "bem-sucedida", constatam-se atualmente processos de diferenciação social no campo, reproduzindo assim as estruturas sociais das regiões de "expulsão rural" no "centro" sócio-econômico do País. Do mesmo modo, mostra-se um aumento dos conflitos de terra, sobretudo em função do desequilíbrio cada vez maior entre demanda e oferta de terras de colonização.

Uma das explicações básicas para esta problemática regional encontra-se no modelo brasileiro de desenvolvimento, no qual os interesses existenciais do campesinato sempre obtiveram pouca atenção. A expressão disso tudo nas frentes pioneiras revela-se na competição desigual entre diferentes "modos de produção".

As estratégias do planejamento público, explicadas no trabalho apresentado para o exemplo do programa Polonoroeste, mostram-se incapazes de reestruturar o desenvolvimento regional. Mesmo se fossem orientadas dentro das necessidades básicas da população camponesa, os problemas de realização daquelas estratégias e, sobretudo, a influência do quadro geral de um modelo

* Este trabalho faz parte de uma tese de doutorado, atualmente redigida pelo autor, sob a direção do Prof. Dr. G. Köhlhepp, "Geographisches Institut der Universität Tübingen". As pesquisas no Brasil, de abril de 1983 a novembro de 1984, foram possíveis graças a uma bolsa da "Fundação Friedrich Ebert", Bonn. No Brasil, o projeto de pesquisa está ligado ao "Núcleo de Altos Estudos Amazônicos" da Universidade de Belém e ao Departamento de Geografia da Universidade de Brasília.

de desenvolvimento desfavorável a uma “autodeterminação” regional revelam a posição dependente das frentes pioneiras no sistema das relações desiguais entre “centro” e “periferia” no Brasil.

Palavras-chave:

Amazônia brasileira — Rondônia — Migração — Colonização — “Fronteira” camponesa — Diferenciação social — Conflitos fundiários — Programa Polonoroeste, NUAR.

*DÉVELOPPEMENT RÉGIONAL À LA
PÉRIPHÉRIE AMAZONIENNE
Organisation de l'espace, conflits d'intérêts et programmes
d'aménagement dans une région de "frontière":
le cas du Rondônia*

RÉSUMÉ

La région analysée constitue un des fronts pionniers les plus dynamiques en Amazonie brésilienne. Le développement régional du Rondônia est caractérisé, pendant les dernières années surtout, par une migration continue de paysans “expulsés” provenant des régions rurales du sud et sud-est du Brésil, et par la colonisation publique basée sur une distribution de parcelles de 50 à 100 ha. Bien que le Rondônia ait été considéré comme “frontière paysanne réussie”, on peut observer actuellement une différenciation sociale dans l'espace rural tendant à reproduire des structures socio-économiques des “régions d'expulsion rurale” des zones centrales du Brésil. La région voit surgir des conflits fonciers, provenant d'un déséquilibre croissant entre demande et offre de terres. On peut en chercher la cause dans les choix de la politique brésilienne qui néglige les intérêts du paysannat. Sur la frontière, cela se traduit par une compétition inégale entre différents “modes de production”.

Les stratégies d'aménagement de l'Etat, à l'exemple du program Polonoroeste se révèlent incapables de restructurer de développement régional. Même si ces stratégies sont orientées vers les besoins fondamentaux de la population paysanne, les problèmes de réalisation de ces stratégies et surtout l'influence du cadre général de développement défavorable à une “autodétermination” régionale, reflètent la position dépendante des fronts pionniers dans les relations entre “centro” et “périphérie” au Brésil.

Mots-clés:

Amazonie brésilienne, Rondônia, migration, colonisation, “frontière” paysanne, différenciation sociale, conflits fonciers, programme Polonoroeste, NUAR.

*REGIONAL DEVELOPMENT IN THE AMAZON PERIPHERY
Spatial Organization, Conflicts of Interests and Regional
Planning on the Frontier: The Case of Rondônia*

ABSTRACT

The analyzed region represents one of the most dynamic frontier zones of the Brazilian Amazon. During the last few years the regional development of

Rondônia was mainly characterized both by the migration of "expulsed" peasants from the south and southeast of Brazil, which still continues, and by the governmental directed colonization based on the distribution of 50 to 100 ha land-lots. Though Rondônia is regarded as a "successful frontier", one can actually observe a social differentiation in the rural areas which tends to reproduce the agrarian structures of meanwhile consolidated rural areas in the core regions, the regions of expulsion. As a result of an increasing disequilibrium between supply of and demand for land Rondônia also faces an increasing number of land conflicts. The reasons for these facts are to be found in the Brazilian development strategy which neglects basic interests of peasant agriculture. On the frontier this is expressed in unequal conditions for competition between different "modes of production".

The national development strategies as demonstrated in this paper for the Polonoroeste program, are incapable to organize the development processes of Rondônia. Even if the development strategies should be oriented towards the basic needs of the rural population, the problems of the realization of those strategies would reflect the overall influence of the general framework of the development model which is unfavourable towards a regional "self-determination". This illustrates the dependent position of the frontier within the system of disparities between "core" and "periphery" in Brazil.

Key words:

Brazilian Amazon Region, migration, colonization, agrarian "frontier", social differentiation, land conflicts, Polonoroeste program, NUAR.

REGIONALENTWICKLUNG AN DER AMAZONISCHEN PERIPHERIE

*Raumorganisation, Interessenkonflikte und Regionale
Entwicklungsprogramme and der Pionierfront:
das Fallbeispiel Rondônia*

ZUSAMMENFASSUNG

Die Untersuchungsregion ist eine der dynamischsten Pionierfronten des brasilianischen Amazonasgebietes seit 1970. Die Regionalentwicklung Rondônias war während der letzten Jahre auf der einen Seite hauptsächlich gekennzeichnet durch anhaltende Zuwanderung "verdrängter" ländlicher Bevölkerungsgruppen vorwiegend aus ländlichen Regionen Süd- und Süd-ost-Brasiliens. Auf der anderen Seite, in Ergänzung hierzu, stand staatlich gelenkte Kolonisation in Rondônia auf der Basis der Verteilung von 50 bzw. 100 ha — Parzellen. Obwohl Rondônia wiederholt als Beispiel einer "gelungenen" kleinbäuerlichen Pionierfront angesehen wurde, kann man in der letzten Zeit soziale Differenzierungsprozesse im ländlichen Raum feststellen, die Tendenz zur Reproduktion von Agrarsozialstrukturen, wie sie aus den Zentralregionen des Landes, den "Verdrängungsräumen", bekannt sind, erkennen lassen. Ebenso ist in der Region eine Zunahme der Land- und Interessenkonflikte festzustellen, hauptsächlich als Folge des sich verschärfenden Ungleichgewichts zwischen Landnachfrage und —angebot in den offiziellen Kolonisationsprojekten. Eine der wesentlichsten Erklärungen für all dies liegt im Stil

der brasilianischen Entwicklung, in der wesentliche Lebensinteressen der Kleinbauern von jeher vernachlässigt wurden, begründet. An der Pionierfront drückt sich dies in der Konkurrenz, bzw. den ungleichen Entwicklungschancen, verschiedener "Produktionsweisen" aus.

Die Planungs- und Entwicklungsstrategien des Staates, die in dieser Arbeit am Beispiel des Polonoeste-Programms erläutert werden, zeigen sich nicht geeignet, die regionalen Entwicklungsprobleme in den Griff zu bekommen, geschweige denn zu lösen. Obwohl diese Strategien theoretisch an den Grundbedürfnissen der ländlichen Bevölkerung orientiert sind, zeigen die konkreten Umsetzungsprobleme dieser Strategien, wie besonders auch der Einfluß der Rahmenbedingungen des, einer regionalen "Selbstbestimmung" entgegenstehenden nationalen Entwicklungsmodells die abhängige Position der Pionierfronten im disparitären System von "Zentrum" und "Peripherie" innerhalb Brasiliens.

Schlüsselwörter:

Brasilianisches Amazonien, Rondônia, Migration, Kolonisation, Kleinbäuerliche Pionierfront, soziale Differenzierung, Landkonflikte, Polonoeste-Programm, NUAR.

1. INTRODUÇÃO

No decorrer do século XX as frentes pioneiras têm representado um fenômeno comum à formação sócio-econômica do espaço rural nos países da América Latina (Credal, 1981; Hennessy, 1978). No Brasil, este fenômeno sempre chamou a atenção de pesquisadores de disciplinas diversas (Waibel, 1955; Monbeig, 1952; Moog, 1969; Katzman, 1975; Velho, 1976; Foweraker, 1981, etc.) mesmo que suas tentativas de explicação variem muito segundo as bases teóricas e ideológicas de cada um. Neste estudo, ressaltamos duas interpretações possíveis para frentes pioneiras: uma como expressão de "um espírito de liberdade", da vontade colonizadora, isto é, pelo conteúdo positivista da palavra "pioneiro" (Hennessy, 1978; Velho, 1976), e outra como parte integrante da exploração acelerada do setor primário pela economia capitalista, isto é, como processo permanente de expulsão (Martins, 1982, 1983, 1984; Silva, 1982; Foweraker, 1981; Wood, 1983). O que quer que seja, as frentes pioneiras no Brasil sempre tinham que contribuir para resolver os problemas das estruturas sociais e econômicas de outras regiões, deslocando-as na verdade do "centro" em direção à "periferia".

Nos últimos 20 anos, as frentes pioneiras no Brasil se deslocaram das regiões do Sul (Paraná) e Centro-Oeste (Mato Grosso do Sul, Mato Grosso) em direção à Amazônia. Devido à existência de "terras novas", é na Amazônia que hoje podemos observar a sucessão de diferentes "fronteiras" (Becker 1982, Silva, 1982; Mueller, 1983; Sawyer, 1983; Martins, 1975; Katzman, 1975, etc.). O papel do Estado dentro deste contexto foi destacado (Mahar, 1979; Kohlhepp, 1980). Mantidos pelo regime militar desde 1964, os projetos de construção das

grandes estradas (Belém-Brasília, Cuiabá-Porto Velho, Cuiabá-Santarém) facilitaram a integração da região Norte ao conjunto do espaço social nacional. No início deste período, a política de colonização, fundada sobre a pequena propriedade, foi primordial para apaziguar conflitos sociais virulentos das “velhas regiões” agrícolas (Nordeste, Sudeste). A colonização da Amazônia se propaga como “alternativa” à reforma agrária necessária, ainda que o mesmo governo tenha criado em 1964, com o “Estatuto da Terra”, a legislação agrária mais progressiva até os dias de hoje no Brasil.

No que se refere ao desenvolvimento regional de Rondônia, os dois fatores acima mencionados são de particular importância: 1) a política colonizadora do Estado autoritário na região amazônica — figurando por ordem de importância Rondônia logo depois da “Transamazônica” — e 2) a expulsão da “população excedente” das zonas rurais de ocupação anterior (sobretudo no Estado do Paraná) através da modernização capitalista do setor primário reforçado pelo modelo de desenvolvimento brasileiro.

2. DESCRIÇÃO DA REGIÃO

Estado mais novo da Federação brasileira desde 1982, Rondônia se situa no sudoeste da Amazônia, na região da fronteira com a Bolívia. Sua superfície, de cerca de 243.000 km², pode ser comparada à da República Federal da Alemanha. Rondônia faz parte da zona de transição entre a bacia Amazônica e o Maciço Central brasileiro, entre as florestas tropicais que cobrem a maior parte da região e os “campos cerrados”, as savanas arboradas do Brasil central.

Durante a primeira década deste século, a fase de extração da borracha na Amazônia influenciou também a ocupação humana de Rondônia devido à construção da estrada de ferro EFMM de Porto Velho a Guajará-Mirim. Esta última se torna responsável pela aparição das primeiras cidades (Porto Velho, Guajará-Mirim) e por um desenvolvimento efêmero ao longo de seu percurso. Logo em seguida, a construção, pelo marechal Rondon, da linha telegráfica de Cuiabá a Porto Velho é a primeira tentativa de reconhecimento e de integração do interior desconhecido desta região (Lévi-Strauss, 1955; Valverde, 1979; Thery, 1981).

A descoberta de jazidas de cassiterita no norte de Rondônia durante os anos 50 representa um dos motivos essenciais da construção da estrada Cuiabá-Porto Velho — única ligação terrestre de toda a Amazônia ocidental ao centro do País. Esta começará sob o governo Kubitschek e terminará em meados dos anos 60 (Leal, 1984). A proclamação do “Programa Nacional de Integração” (PIN) pelo governo Médici em 1970, que se insere à “Operação Amazônia” (Foucher, 1974; Mahar, 1979; Eglin/Thery, 1982), representa o ponto de partida da ocupação atual do espaço rondoniano (Mueller, 1980; Thery, 1981; Hebette/Marin, 1982).

3. FATORES DETERMINANTES DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO RONDONIANO

A análise dos fatores determinantes da organização do espaço, sobretudo rural, se resume em dois fatores predominantes: a migração e a colonização.

3.1. A migração

O desenvolvimento demográfico regional de Rondônia é caracterizado por uma taxa de crescimento anual de 15,8% durante os anos 70, a mais elevada do Brasil. As ondas migratórias rumo às frentes pioneiras atuais, vindas das frentes pioneiras “consolidadas” (Paraná, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, etc.) e das regiões de ocupação antiga, são responsáveis por este fenômeno, tratando-se assim de uma migração do centro para a periferia. Bret et al. (1984) demonstraram muito bem as duas direções deste movimento migratório em direção à “fronteira”: rumo a Rondônia e ao Pará, sendo que este último absorvia uma maioria de migrantes vindos do Nordeste brasileiro.

Embora a importância das migrações em direção às frentes pioneiras deva ser relativizada quanto ao conjunto de todos os movimentos migratórios no Brasil (Martine, 1982; Wood/Wilson, 1982; Bret et al., 1984), migrar em direção às frentes pioneiras representa, contudo, uma forma importante de “estratégia de sobrevivência” para milhares de camponeses. No caso de Rondônia, a migração se mostra cada vez mais marcante: em 1980, mais de 50% da população de Rondônia vivia há menos de 10 anos na região. Além disso, a migração continua a crescer no decorrer destes últimos anos (Fig. 1): de 1981 a 1984 a região absorveu 364.320 migrantes em comparação com 254.374 migrantes de 1970 a 1980 (Seplan/RO-Nure, 1984, 1985).

QUADRO 1 – RONDÔNIA-POPULAÇÃO E CRESCIMENTO POPULACIONAL

1950 – 1985					
	1950	1960	1970	1980	1985*
População	36.935	69.792	111.064	491.069	1.028.429
Crescimento por década (%)	—	89,00	59,00	342,00	109,00
Crescimento anual (%)	1960-1970: 4,80			1970-1980: 15,80	

* estimativa.

Fonte: IBGE (1984): Anuário Estatístico do Brasil, 1983, Rio de Janeiro.

Seplan/RO – Coplan (1985): Projeção populacional, Porto Velho.

A análise social da migração é importante para a compreensão dos problemas atuais da organização espacial desta região. As regiões de procedência dos migrantes são, por ordem de importância (entre 1979 e 1984): Paraná (30% dos migrantes), Mato Grosso (16%), o Estado de São Paulo (9%), Mato Grosso do Sul (8%), Espírito Santo (7%) e Minas Gerais (7%) — (Fig. 1). Se fizermos uma distinção entre procedência rural e procedência urbana, observaremos uma mudança recente e importante: no final dos anos 70, a procedência rural domina com cerca de 70% dos migrantes, representando apenas 30% em 1983

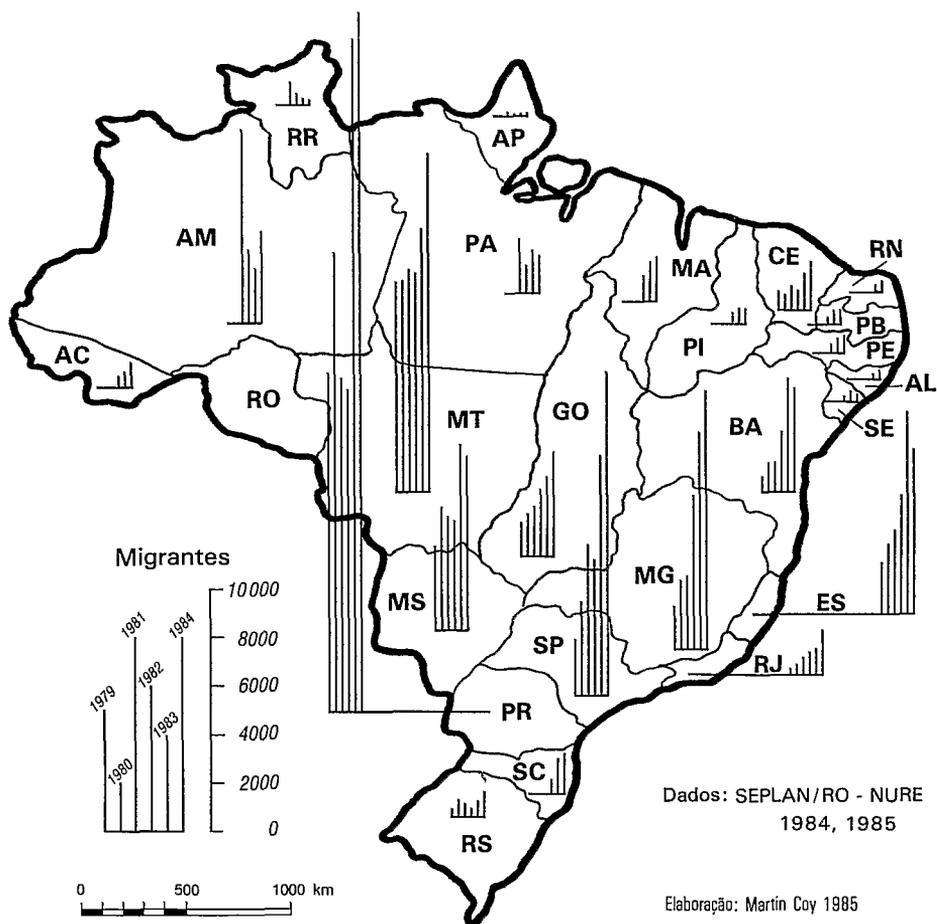


FIGURA 1 — *DESENVOLVIMENTO DA MIGRAÇÃO PARA RONDÔNIA 1979-1984. PROCEDÊNCIA DOS MIGRANTES.*

(Seplan/RO-Nure, 1984). As razões deste fenômeno podem ser encontradas: 1.º em Rondônia, mesmo durante a evolução da frente pioneira, a consolidação das cidades pioneiras aumenta a atratividade da região a outros grupos sociais além dos rurais; 2.º nas regiões de origem, nas grandes e médias cidades do Sudeste e do Sul do Brasil, pode-se observar, em função da crise econômica, uma deterioração contínua das condições de vida das classes médias e inferiores, o que tem por efeito um *push-factor* bastante importante.

Entretanto, devemos levar em consideração a história migratória que, em muitos casos, se caracteriza por uma série de etapas. Frequentemente não há concordância entre região de procedência e local de nascimento. A análise da história migratória de 170 colonos, efetuada pelo autor em 1983/84, na zona rural do PIC Ouro Preto (Fig. 2), mostra que 25% vieram diretamente de seu Es-

tado de nascimento para Rondônia; que para 45% Rondônia já é a segunda etapa fora do Estado de nascimento, para 18% a terceira, para 8% a quarta e para 4% a quinta, sexta ou sétima etapas, sem levar em consideração as migrações intra-regionais, nem nas etapas anteriores, nem dentro de Rondônia. Da mesma forma, 34% dos interrogados passaram pelo menos por uma etapa urbana no decorrer de sua história migratória. Este fato pode explicar as mudanças recentes acima mencionadas, na medida em que uma certa porcentagem destes “migrantes urbanos” possui, na realidade, raízes rurais, tentando agora voltar ao meio rural.

A história migratória de inúmeros habitantes de Rondônia é reveladora do processo de deslocamento das frentes pioneiras (*The moving frontier*) no Brasil. Nascidos em Minas Gerais ou nos Estados do Nordeste, passaram frequentemente pelos Estados de São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul ou Mato Grosso antes de alcançarem Rondônia. A continuação da migração rumo a frentes pioneiras ainda mais recentes, como Roraima, tem demonstrado que podemos colocar em dúvida se Rondônia será o ponto final deste processo.

A motivação mais importante que leva à fixação em Rondônia é a pretendida abundância de terras novas na “fronteira”, reforçada pelo fato de um grande número de migrantes fazer parte da classe dos “sem-terras” (bóias-frias, parceiros, etc.) em suas regiões de origem e procedência (da amostragem de 170 colonos no PIC Ouro Preto, interrogados pelo autor em 1983/1984, 41% nunca possuíram terra, 31% eram proprietários de terra em sua região de procedência, na maioria das vezes proprietários de um minifúndio, 28% não trabalharam com agricultura, portanto também não eram proprietários de terra).

3.2. A colonização

A partir de 1970, a colonização pública em Rondônia se desenvolve graças ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). Baseados na distribuição de lotes de 100 ha, cinco “Projetos Integrados de Colonização” (PIC) e, um pouco mais tarde, dois “Projetos de Assentamento Dirigido” (PAD) são estabelecidos no centro de Rondônia ao longo da estrada Cuiabá-Porto Velho que se transforma então em “eixo de desenvolvimento” principal da região, no Noroeste e Sul do estado federal.

A escolha de Rondônia como região prioritária de colonização tem várias razões: a localização da região na continuidade da direção do movimento das frentes pioneiras do Centro-Oeste (Mato Grosso do Sul, Mato Grosso) rumo ao Norte; a existência da estrada Cuiabá-Porto Velho mantendo esta extensão da frente pioneira; a situação jurídica das terras de Rondônia facilitando a colonização oficial pela existência de uma porcentagem relativamente elevada de terras públicas; a existência de terras mais férteis do que dentro da média da região amazônica (sobretudo no centro de Rondônia onde está localizado o primeiro núcleo de colonização, o PIC Ouro Preto, em 1970), etc. O sistema de colonização começa então pela construção rudimentar de estradas de penetração, e pela delimitação de lotes retangulares cobertos por floresta virgem. Dos 100 ha distribuídos aos colonos (com exceção do PAD Burareiro onde 250 ha foram distribuídos), 50 deveriam ter sido conservados como “reserva flores-

tal". As técnicas agrícolas aplicadas são sempre as mais simples (plântio direto após queimada); as culturas de subsistência (arroz, milho, feijão) são completadas por uma série de culturas de mercado (*cash-crops*) propostas por instituições governamentais (como no caso do cacau ou da borracha) ou trazidas pelos colonos (como no caso do café).

A forte migração incessante rumo a Rondônia, por um lado, e, por outro, a capacidade de absorção limitada dos projetos de colonização pública têm como resultado, em fins dos anos 70, um forte desequilíbrio entre a demanda e a oferta das terras públicas. O Estado reage através de mudanças de política de colonização cada vez mais limitada à distribuição de lotes de 50 ha, só que sem nenhuma implantação de infra-estruturas ("Assentamento rápido" — Fig. 2). Podemos também considerar estas mudanças como uma reação ao aumento de conflitos fundiários na região, conflitos entre posseiros e índios, etc. (Davis, 1977; Gall, 1978). Embora tenha sido possível, desta forma, distribuir um grande número de lotes (Quadro 2), esta mudança não teve o efeito preconizado, já que sem infra-estrutura a fixação dos colonos à terra se revelou impossível.

QUADRO 2 — COLONIZAÇÃO PÚBLICA EM RONDÔNIA — PROJETOS DO INCRA.

(SITUAÇÃO: JULHO DE 1985)				
Projeto de Colonização	Área do projeto (ha)	Ano de fundação	Parcela média (ha)	Famílias assentadas
PIC Ouro Preto	512.585	1970	100	5.162
PIC Sidney Girão	60.000	1971	100	638
PIC Ji-Paraná	486.137	1972	100	4.756
PIC P. A. Ribeiro	293.580	1973	100	3.106
PIC Padre A. Rohl	407.219	1975	100	3.689
PAD Marechal Dutra	494.661	1975	100	4.767
PAD Burareiro	304.925	1974	250	1.540
PA Urupá	75.460	1981	30	1.212
PA Machadinho	382.940	1982	42	2.920*
PA Bom Princípio	190.000	1983	65	1.200
PA São Felipe	s.i.	1984	50	450
"Assentamento Rápido"	s.i.	depois de 1980	50	12.315
"Soldados da Borracha"	s.i.	vários	variável	1.393
"Gleba G"	s.i.	s.i.	variável	890
TOTAL	3.207.507			44.038

*Até julho de 1985.

s.i. = sem indicação.

PIC = Projeto Integrado de Colonização, PAD = Projeto de Assentamento Dirigido, PA = Projeto de Assentamento.

Fonte: MEAF-Incra-CEER, Porto Velho, novembro de 1984, Mirad-Incra-DR/RO, Porto Velho, julho de 1985.

3.3. A cidade pioneira

Ligada ao processo de colonização do espaço rural, observamos, no decorrer dos anos 70, a aparição de uma série de cidades novas, principalmente ao longo da estrada Cuiabá-Porto Velho, no centro de Rondônia (Fig. 2). Isto corresponde a uma profunda mudança das estruturas regionais; os centros urbanos, antes de 1970, se situavam entre Porto Velho e Guajará-Mirim, exclusivamente no norte de Rondônia.

Algumas das novas cidades pioneiras se desenvolveram no local dos antigos postos da linha telegráfica de Marechal Rondon (Vilhena, Pimenta Bueno, Ji-Paraná, Ariquemes). Outras, como Colorado do Oeste, Ouro Preto do Oeste, Cacoal, surgiram ao redor das sedes dos projetos de colonização, contrariando freqüentemente a intenção explícita das instituições governamentais (Ouro Preto do Oeste, Cacoal). Paralelamente à “interiorização” da ocupação do espaço, ao deslocamento da frente pioneira interior de Rondônia rumo ao Oeste, em direção ao vale do Guaporé, observa-se, pouco tempo depois, uma “interiorização” da urbanização. O nascimento de cidades como Rolim de Moura ou Alvorada do Oeste, hoje entre as cidades pioneiras mais dinâmicas, é um revelador deste processo. Ainda que a taxa de urbanização de Rondônia seja em 1980, com 46,5%, inferior à taxa de urbanização da região Norte (51,6%) e também bastante inferior à taxa nacional (67,6%) (IBGE 1984) (resultado da importância da ocupação rural durante a primeira fase da frente pioneira), os próximos anos verão, no decorrer do processo de “consolidação da fronteira”, uma urbanização acelerada. A migração, atualmente em crescimento inquietante, vai acentuar consideravelmente este fenômeno.

No sistema urbano, podemos constatar uma nítida hierarquia das localidades centrais. Depois da capital (Porto Velho) foi Ji-Paraná que se tornou o centro regional mais importante graças a sua localização (ponte sobre o rio Machado, etc.) e ao apoio do Estado no início da colonização, etc. Depois de Ji-Paraná se afirmam Cacoal, Ariquemes e Vilhena (Fig. 2). Por outro lado, cidades como Presidente Médici, Ouro Preto do Oeste, Jaru, etc., próximas a um centro regional maior, desempenham um papel polarizador menor. As atividades comerciais urbanas e os outros serviços do setor terciário são da maior importância para o abastecimento do *hinterland* rural. Entretanto, é exclusivamente em função deste *hinterland* que estas cidades pioneiras se desenvolvem. Dentro deste contexto, a comercialização da produção agrícola através de quaisquer intermediários representa uma das atividades mais importantes; apenas na pequena cidade de Ouro Preto do Oeste, com cerca de 10.000 habitantes em 1984, se estabeleceram 15 negociantes em produtos agrícolas. As madeireiras de todos os tamanhos figuraram dentre as mais importantes atividades industriais pioneiras. Nas regiões de desmatamentos recentes, elas se instalam principalmente na tentativa de trabalhar com madeiras preciosas para exportação (principalmente o mogno e a imburana). Desta forma, encontramos, nada mais nada menos do que, na novíssima cidade de Rolim de Moura, mais de 100 serrarias em atividade. A falta absoluta de um setor de tratamento das matérias-primas regionais demonstra que a região se encontra no estágio inicial de seu desenvolvimento industrial, e, além disso, poderia também ser um revela-

dor de um modo de desenvolvimento periférico de Rondônia em função dos interesses do “centro” econômico do Brasil.

Além disso, a cidade pioneira serve, desde o começo do processo de ocupação rural de Rondônia, de “sala de espera” para muitos migrantes em busca de uma atribuição de terras na zona rural. Enquanto isso, procuram trabalho no setor comercial urbano onde ampliam o setor informal. Tendo em vista a atual aceleração da migração e a penúria de terras de colonização, esta situação já não é mais transitória para uma grande parte desta população urbana, mas torna-se permanente. O perigo de uma marginalização já não parece fictício devido à capacidade de absorção limitada da economia urbana. A cidade de “fronteira” não é local de produção. Sua principal função é ser um local de intercâmbio entre o mundo rural, que fornece os produtos da frente pioneira, e os centros industriais do País, interessados nestes produtos, bem como ao mercado que a frente pioneira representa para o escoamento de sua própria produção. A cidade funciona, portanto, como mediadora entre “centro” e “periferia”.

3.4. *A periferia amazônica na política nacional*

A incapacidade (ou falta de vontade) do Estado de encontrar respostas adequadas aos fluxos migratórios rumo a Rondônia e ao aumento da demanda de terras deve ser inserida no âmbito da política de desenvolvimento da região amazônica durante a segunda metade dos anos 70 (Mahar, 1979; Kohlhepp, 1980; Wood/Schminck, 1979; Moran, 1983; Wood, 1983). Esta política é caracterizada pelo apoio dado ao *agro-business*, isto é, à modernização capitalista do setor primário (programa Polamazônia) e, deste modo, pela negligência dos problemas do campesinato tanto anível nacional quanto amazônico. A colonização é considerada cada vez mais como sendo da área das empresas privadas (projetos do norte do Mato Grosso). Este processo é qualificado de “fechamento da fronteira” (Schminck, 1981; Silva, 1982). Apesar desta política de “fechamento da fronteira”, e apesar da existência e expansão de um setor agrícola capitalista em Rondônia, a assistência ao pequeno produtor ficou sendo, contudo, um dos primeiros objetivos da política de desenvolvimento de Rondônia. O programa Polonor oeste, organizado em 1981, enquanto grande projeto de organização regional do último governo militar, vem ilustrar esta política com seus segmentos “Desenvolvimento Rural Integrado” e “Novos Projetos de Colonização”. À primeira vista, isto parece ser uma ruptura com a política do “fechamento da fronteira”, atribuindo a Rondônia uma certa individualidade com relação às outras frentes pioneiras da Amazônia. A persistência quanto à importância da pequena propriedade em Rondônia é certamente uma das razões para a qualificação da região como “fronteira de êxito” na opinião pública. Contudo, o autor se propõe a demonstrar que o espaço rural em Rondônia encontra, como outros, problemas e mudanças sociais importantes em função das escolhas políticas do Brasil, tanto no plano nacional quanto regional.

4. DIFERENCIAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA NO ESPAÇO RURAL

4.1. *Problemas sócio-econômicos*

Interrogando colonos sobre suas condições de vida (pesquisa de campo do autor no PIC Ouro Preto 1983/84), podemos identificar um conjunto de problemas sócio-econômicos predominantes dentro do espaço rural rondoniano. É necessário diferenciar os problemas resultantes dos caracteres específicos da região, os resultantes de seu recente desenvolvimento e os resultantes do contexto nacional. Dentro da primeira categoria, mencionamos sobretudo as conseqüências sócio-econômicas da malária, perigo permanente para a força de trabalho familiar, base da economia camponesa. Da mesma forma, outras doenças amazônicas (Moran, 1981 e Smith, 1982), problemas de agrotóxicos (doenças das principais culturas) e restrições geográficas (situação topográfica, hidrográfica, variações na distribuição dos solos, etc.) exercem uma influência direta e nefasta sobre a produção agrícola. Com relação à segunda categoria, a insuficiência da infra-estrutura é predominante. Trata-se, neste caso, da insuficiência da rede rodoviária, da impraticabilidade de muitas estradas de penetração durante a estação das chuvas, que dura de sete a oito meses, e, conseqüentemente, do isolamento de muitos camponeses, além da falta de entrepostos para a produção agrícola, falta de escolas rurais, bem como insuficiência de assistência médica. Dentro da terceira categoria, em primeiro lugar devem ser considerados os problemas de comercialização e de financiamento da produção agrícola. Tais problemas são fortemente influenciados pela política econômica enquanto expressão do modelo brasileiro de desenvolvimento, no qual os problemas dos pequenos camponeses não são representados senão de forma insuficiente.

O problema dos preços da produção rural é crucial. Estes preços são geralmente percebidos pelos colonos como insuficientemente remuneradores ou caracterizados por grandes oscilações, como no caso dos produtos negociados no mercado internacional (principalmente o cacau). Além disso, os problemas de comercialização são reforçados pela dependência do colono em relação aos intermediários. As medidas governamentais referentes ao apoio à comercialização são insuficientes nestas regiões periféricas (Wood/Schmink, 1979 e Bunker, 1983).

No setor de financiamento, o crédito agrícola é percebido pelos camponeses cada vez mais como um perigo, tendo em vista a freqüência das vendas de propriedades devido ao endividamento e ao nível elevado dos juros bancários, etc. A disponibilidade de créditos oficiais de investimento diminuiu consideravelmente a nível nacional durante os últimos anos devido à crise econômica e às imposições restritivas do FMI.

4.2. *Um exemplo de diferenciação sócio-econômica*

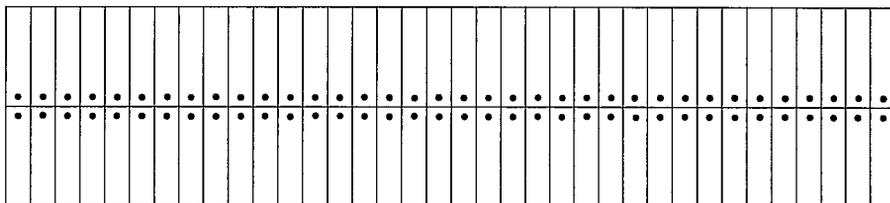
Uma das conseqüências mais visíveis destes diferentes problemas constatados dentro do espaço rural é a venda freqüente de estabelecimentos agrícolas que hoje atinge, segundo os funcionários do Incra dentro dos projetos de Ari-

quemes e Ouro Preto, até 50% do total dos estabelecimentos. Esta tendência à venda das explorações representa igualmente um dos pontos de partida de uma diferenciação social dentro do espaço rural que trataremos através de um exemplo no PIC Ouro Preto.

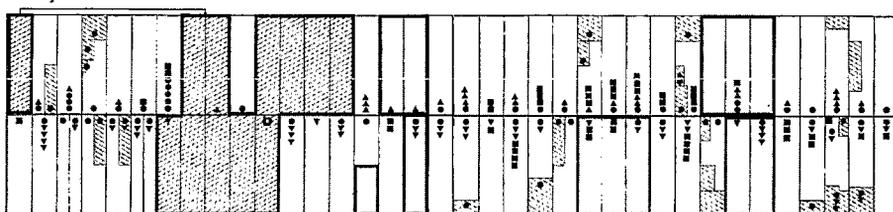
A base de nosso estudo de caso é uma linha (uma estrada de penetração) de 18 km com 72 parcelas de 100 ha distribuídas pelo Incra em 1973 a 72 famílias de camponeses. Destes 72 proprietários de origem, apenas 27 ainda vivem em suas parcelas. Isto significa que 63% dos colonos estabelecidos pelo Incra venderam suas propriedades inteiras e deixaram, no decorrer dos 11 anos, a região estudada. As razões das vendas se explicam, excluindo os problemas pessoais, pelas dificuldades de condições de vida acima mencionadas. Em geral, esta emigração se dirige rumo a:

1. outras partes da zona rural de Rondônia, mais próximas da "frente de desmatamento". Estabelecem-se em outro lote comprado com a renda da venda do lote atribuído pelo Incra;
2. cidades pioneiras da região, atrativas por seu desenvolvimento acelerado criando às vezes situações de *boom* e prometendo assim uma vida

Situação 1972/1973

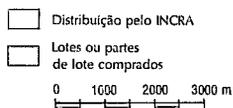


Situação 1984

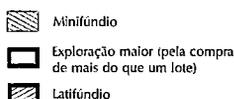


Elaboração: Martin Coy, 1985

Aquisição da terra



Formas de exploração



Posição social das famílias

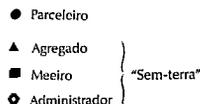


FIGURA 3 — DIFERENCIAÇÃO SOCIAL DE UMA "LINHA" DO PIC "OURO PRETO".

mais tranqüila enquanto comerciante. Frequentemente, por falta de experiência, estes sonhos se revelam irrealizáveis;

3. os Nuar, novas localidades centrais planejadas no espaço rural que têm uma atratividade comparável àquela das cidades já mais consolidadas, com a vantagem de darem “mais chances aos pobres”, pelo menos dentro da percepção dos camponeses;

4. as frentes pioneiras ainda mais recentes do que Rondônia (sobretudo o Território de Roraima: no momento da pesquisa, quatro famílias haviam partido para lá). A volta às regiões de origem é bastante rara.

Dos 27 colonos de origem que vivem no conjunto da linha estudada, apenas 14 ainda não venderam nenhuma parte de sua parcela.

No que se refere ao modo e à forma de propriedade das terras, observamos mudanças de dois tipos:

1. *A fragmentação dos estabelecimentos*, que corresponde a uma tendência ao minifúndio: 23 proprietários de terra no exemplo estudado possuem menos que a metade de um lote de 100 ha. Na maioria dos casos, trata-se de menos de 10 ha, o que corresponde, nas condições regionais, a um minifúndio de uma viabilidade econômica duvidosa.

2. Seja, ao contrário, uma *concentração das propriedades* pela acumulação de parcelas de 100 ha nas mãos de um só proprietário. Seis propriedades se compõem de mais de um lote. No entanto, é necessário tirar a diferença entre os “estabelecimentos maiores”, que não diferem dos estabelecimentos médios com relação a seu “modo de produção”, e o latifúndio (no nosso caso, 12 lotes de 100 ha adquiridos por um só proprietário). Este último se distingue nitidamente das outras formas de exploração: o proprietário vive na cidade, utiliza exclusivamente o trabalho assalariado, e dá preferência à criação extensiva de bovinos. Tal modo de produção pode ser qualificado de capitalista.

Paralelamente a esta diferenciação dentro do tipo de propriedade rural, notamos uma diferenciação entre os adquirentes. A clientela tradicional dos projetos de colonização, pequenos camponeses e “sem-terras”, participa principalmente da fragmentação dos estabelecimentos, devido ao estrangulamento da oferta de terras públicas. Em geral, sua situação não permite sequer a aquisição de um lote de tamanho “subeconômico”. Ao contrário, podemos observar, no decorrer de uma certa “consolidação da fronteira”, a aparição de migrantes com meios financeiros suficientes para adquirir um estabelecimento já valorizado, a fim de “pular” a etapa inicial de valorização da terra virgem.

Finalmente, a burguesia regional emergente (intermediários, funcionários, advogados, médicos, etc.) se engaja cada vez mais no setor agrícola, sobretudo com um objetivo especulativo de “reserva de valores”.

Ao lado destas mudanças e diferenciações dentro da estrutura da propriedade rural, o exemplo estudado mostra nitidamente a *emergência de uma classe de “sem-terras”* na “fronteira”, devido ao crescimento da parceria (principalmente no caso de culturas permanentes, tais como o café e o cacau) e à existência do agregado (relação social típica do campo no Brasil, a base de “intercâmbio de trabalho”). Neste contexto, é também necessário considerar o aumento do trabalho agrícola assalariado no curso do processo de “consolidação” da

frente pioneira. Dele participam os “sem-terras” e uma parte dos proprietários (os minifundistas e os proprietários menos afortunados).

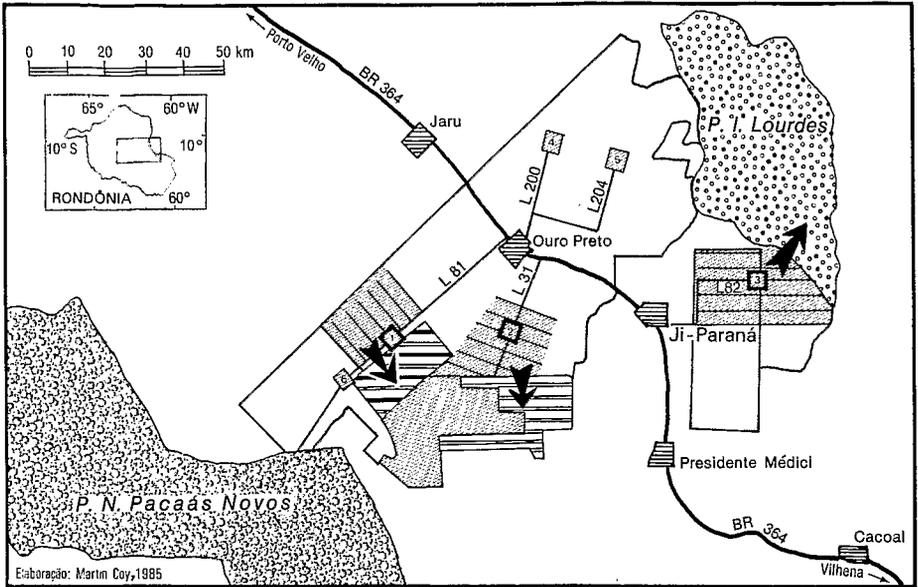
No exemplo estudado, 63% das 193 famílias que vivem nos 72 lotes pertencem à classe dos “sem-terras” (36% sob a forma de parceria). Ainda que este processo não seja novo para a região, um grande número destas famílias não terá, ao contrário dos anos precedentes, a possibilidade de adquirir um lote da colonização oficial, tendo em vista o estrangulamento da oferta de terrenos.

Este exemplo demonstra claramente que a diferenciação sócio-econômica dentro do espaço rural tende a reproduzir as estruturas sócio-econômicas das regiões de onde vieram os migrantes em busca de uma “estratégia camponesa de sobrevivência” às frentes pioneiras. Em todo o caso, a idéia oficial da colonização pública no Brasil, enquanto alternativa para a reforma agrária, visando uma “homogeneização” social, se revela um fracasso no sistema de desenvolvimento capitalista no Brasil. A partir deste exemplo, se a diferenciação social se ampliar ainda mais, esta poderia conduzir à supressão do “modo de produção camponês” e a sua substituição pelo “modo de produção capitalista” na “fronteira” (Wood, 1983). Mas podemos também considerar a fragmentação atual das parcelas como uma reprodução da economia camponesa em condições pouco viáveis, tanto do ponto de vista regional quanto nacional. Concluindo, esta situação talvez seja o signo precursor da supressão definitiva do modo de produção camponês e portanto do começo de um novo processo de expulsão. Será Rondônia apenas uma outra etapa do *moving frontier* no Brasil?

5. CONFLITOS DE INTERESSES, CONFLITOS DE TERRA

A competição entre “modo de produção camponês” e “modo de produção capitalista” se reflete na “fronteira” através de uma concorrência para a utilização de recursos espaciais, e se manifesta em conflitos de interesses entre os diferentes grupos sociais que participam do desenvolvimento da frente pioneira. A nível espacial, se expressa principalmente em conflitos fundiários. Propomo-nos demonstrar este problema com o exemplo de três conflitos recentes também no PIC Ouro Preto.

Diferentes grandes fazendas, cuja estratégia de exploração econômica se baseia principalmente na criação extensiva de bovinos e na cultura comercial do cacau e da borracha, se encontram inseridas ou limítrofes ao projeto de colonização. Duas destas fazendas (9.000 e 12.000 ha), limítrofes ao “setor 6” do PIC Ouro Preto, pertencem a uma grande empresa cuja sede social se localiza no Rio de Janeiro. Em 1984, a fazenda menos valorizada foi invadida por várias centenas de camponeses “sem-terras” que tinham vivido até então nas explorações de outros colonos dos arredores. Sua ação tinha por fim reivindicar a repartição desta fazenda sem utilização econômica, portanto, com finalidades especulativas, tendo em vista a penúria de terras na região. Depois de muita violência, os invasores foram expulsos pelas forças policiais. Em um outro caso, no “setor 2” do PIC Ouro Preto, uma fazenda de 33.000 ha reivindicada e explorada por uma empresa do setor de indústria de madeiras, com sede social no Rio Grande do Sul, foi invadida, em 1984, por um grande número de campo-



- | | | | |
|--|--|--|--|
| | Colonização | | POLONOROESTE |
| | PIC Ouro Preto
Assentamento Rápido
Regularização Fundiária | | Projeto de colonização Urupá |
| | Colonização POLONOROESTE | | NUAR (Núcleo Urbano de Apoio Rural) |
| | Fazenda (com título de propriedade) | | NUAR existentes |
| | Fazenda (sem título de propriedade) | | 1 Nova União |
| | Reserva indígena | | 2 Teixelópolis |
| | Parque Nacional | | 3 Nova Colina |
| | Conflito fundiário atual (invasão) | | NUAR planejados
ou em situação inicial |
| | | | 4 "Linha 200" |
| | | | 5 "Linha 204" |
| | | | 6 Mirante da Serra |
| | | | Área de abrangência do NUAR
(construção de estradas vicinais,
assistência técnica, organização social rural) |

FIGURA 4 — COLONIZAÇÃO, PLANEJAMENTO E CONFLITOS FUNDIÁRIOS NO PIC "OURO PRETO".

neses vindo da zona vizinha de colonização superpovoada de parceiros e agregados sem-terra. A empresa não possui título algum de propriedade autêntica. Está, acima de tudo, engajada na exploração de madeira, no terreno reivindicado. Surgiram conflitos violentos entre invasores e pistoleiros da fazenda, havendo mortes de ambos os lados. Tal conflito ainda não encontrou uma solução definitiva. Atualmente há alguma esperança para os invasores graças a um processo intentado contra a empresa devido à ilegalidade do título de proprie-

dade. O terceiro conflito difere consideravelmente dos dois primeiros no que se refere aos grupos interessados. Trata-se da invasão do parque indígena “Lourdes” (Fig. 4) por 500 famílias, no qual viviam, já há alguns anos, de 150 a 200 famílias de modo ilegal, mas tolerado pelas instituições competentes (Incra e Funai). Em 1984, os índios Arara e Gavião tomaram vários invasores como reféns a fim de chamar a atenção das instituições e da opinião pública sobre a gravidade do problema. Depois de longas negociações e muita agitação, os invasores foram forçados, na primavera de 1985, a deixar suas terras no interior do parque. O Estado prometeu a atribuição de terras em um novo projeto de colonização apenas a sessenta famílias. Os outros irão aumentar o exército dos “sem-terras” de Rondônia (para os conflitos mencionados, ver os diferentes artigos nos jornais de Porto Velho *A Tribuna*, *O Estadão de Rondônia*, *Alto Madeira* e os documentos da “Comissão Pastoral da Terra”, CPT, Porto Velho).

Estes exemplos não têm nada de extraordinário, e se inserem no número crescente de conflitos fundiários no Brasil (CPT, 1983, 1984, 1985). A fronteira amazônica ocupa aí uma posição de preeminência (Martins, 1982; Schminck, 1982). Podemos tirar destes três exemplos uma série de conclusões válidas além do caso concreto: os dois primeiros ilustram a competição entre o modo de produção camponês e o modo de produção capitalista na fronteira. A estratégia camponesa de sobrevivência, caracterizada pela necessidade de “terra para trabalhar” e para a reprodução do pequeno produtor, entra em conflito com o interesse capitalista de exploração racional de recursos. Estes dois primeiros casos mostram ao mesmo tempo a relação desigual entre grupos dominantes e grupos dominados no sistema brasileiro de desenvolvimento, isto é, conflito entre “centro” e “periferia” da sociedade brasileira. Entretanto, o caso da invasão do parque indígena “Lourdes” mostra que também existe, dentro dos grupos dominados, conflitos de interesses, isto é, conflitos no interior da “periferia”, entre diferentes “tipos de vida”, “frente pioneira” contra “tipo de vida indígena”, por exemplo.

A regularização das relações desiguais entre “centro” e “periferia”, sob forma de conflitos reais como sob a forma mais dissimulada — da diferenciação social e da expulsão que dela decorre —, se traduz pelo conceito de *violência estrutural* (Galtung, 1971, 1975), violência indireta, freqüentemente impessoal, estabelecida no sistema de desenvolvimento capitalista, que determina desta forma não somente as relações sócio-econômicas mas também a organização do espaço.

6. ESTRATÉGIAS DE PLANEJAMENTO REGIONAL: o programa Polonoroeste

O papel do Estado como “planificador” do espaço foi de grande importância durante todo o processo da recente ocupação de Rondônia. Foi o próprio Estado, como mostramos antes, que desencadeou este processo. No entanto, sua ação foi reduzida nos últimos anos a um planejamento posterior ao desenvolvimento regional acelerado, isto é, o Estado perdeu a iniciativa e, portanto, não domina mais o processo de desenvolvimento.

Qual é então a “resposta” atual do Estado aos problemas e processos de

mudanças na fronteira de Rondônia introduzidos pelos mecanismos inerentes à sociedade brasileira e a seu modelo de desenvolvimento?

É a partir de 1981 que o Estado brasileiro, principalmente com o programa Polonoroeste, tenta ordenar a ocupação do espaço rural de Rondônia. Com um volume de cerca de 1,5 bilhão de dólares, o Polonoroeste é um dos maiores programas de planejamento do último governo militar. O Banco Mundial participa deste programa com 34% do financiamento. A influência desta instituição sobre o conceito concreto do programa não deve portanto ser subestimada (The World Bank, 1981; Mahar, 1982; Goodland, 1985; Skillings, 1985). No centro do programa encontramos o asfaltamento da BR 364, Cuiabá-Porto Velho, com uma extensão de cerca de 1.400 km, terminado em 1984. Esta medida central consumiu 42% de todos os meios financeiros do programa (Cepa-RO, 1983). Os outros segmentos do Polonoroeste acompanham esta medida central e visam evitar os efeitos concomitantes negativos de tal medida dentro da região-programa. Esta última se estende sobre 14 municípios no Mato Grosso e sobre todo o Estado de Rondônia. Estes segmentos são:

- o estabelecimento de cerca de 20.000 camponeses em novos projetos de colonização, dos quais 15.000 se estabelecerão em Rondônia (24% dos meios financeiros do programa);
- o desenvolvimento rural integrado nas áreas de influência da estrada BR 364 no Mato Grosso e em Rondônia (23%);
- o combate à malária em Rondônia (2%);
- a proteção das populações indígenas na zona de influência da BR 364 (3%);
- a proteção do meio ambiente na região-programa (1%).

O fenômeno concomitante mais visível durante o asfaltamento da BR 364 (evidentemente ligado à deterioração das condições de vida devido à crise econômica) é atualmente o aumento da migração rumo a Rondônia. A estrada asfaltada garante, ao contrário dos anos anteriores, o mesmo acesso durante o ano todo, o que se traduz por movimentos migratórios contínuos independente das estações (Seplan/RO-Nure, 1984, 1985).

Por outro lado, não devemos negligenciar a importância da propaganda direta e indireta feita pelo Estado (por exemplo, pela TV) na região quando da conclusão dos trabalhos.

Para o que propomos, o segmento “Desenvolvimento Rural Integrado” em Rondônia e o estabelecimento de novos projetos de colonização merecem uma análise mais detalhada.

6.1. O “Projeto de Desenvolvimento Rural Integrado” de Rondônia

O quadro institucional da realização de um desenvolvimento rural integrado em Rondônia é fornecido pelo PDRI-RO (“Projeto de Desenvolvimento Rural Integrado”). O objetivo essencial é consolidar a situação nas zonas de colonização existentes em Rondônia. As metas são, portanto, orientadas, pelo menos a nível da concepção em direção às necessidades fundamentais dos camponeses interessados.

A medida central do PDRI-RO é a instalação de “Núcleos Urbanos de Apoio Rural” (Nuar), pequenas localidades urbanas dentro do espaço rural

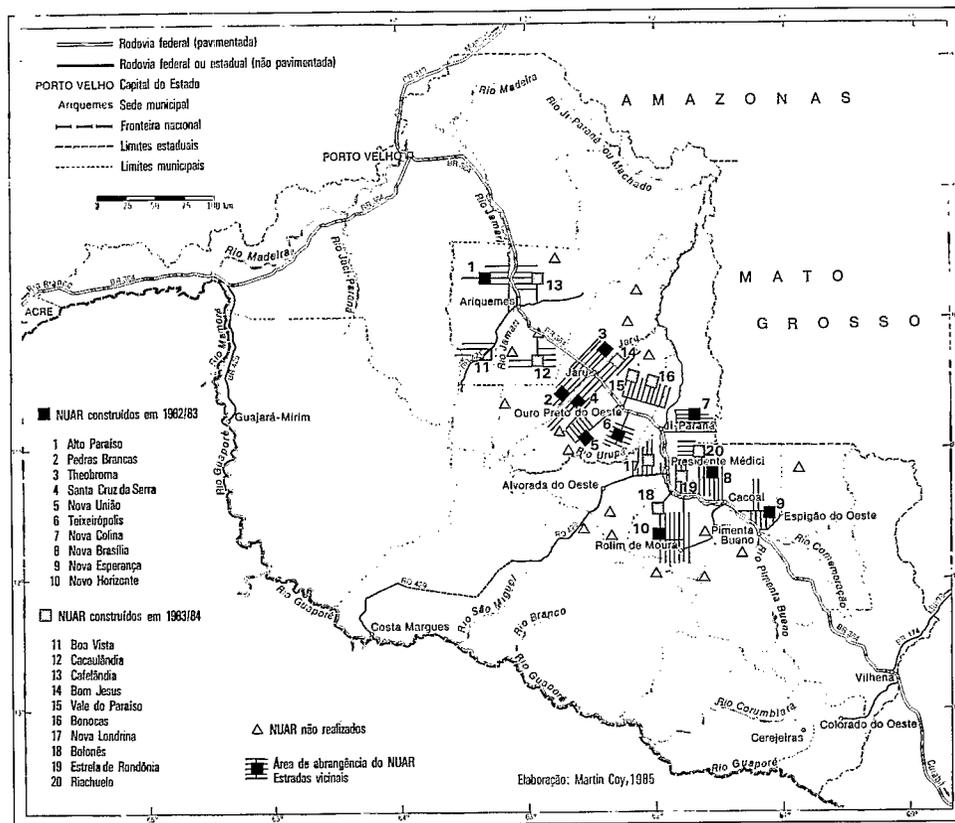


FIGURA 5 — PROJETO INTEGRADO DE DESENVOLVIMENTO RURAL EM RONDÔNIA — NÚCLEOS URBANOS DE APOIO RURAL (NUAR).

no curto raio de ação para um total de cerca de 1.000 famílias de camponeses. No início, foi prevista a instalação de 39 Nuar. Entretanto, os planos foram limitados aos 20 Nuar realizados até 1984.

A assistência do Estado, qualquer que seja o setor, no âmbito do Polonoroeste, está ligada ao Nuar. É dentro da zona de influência definida do Nuar (Fig. 5) que as estradas de penetração são reconstruídas. É nesta parte da zona rural que os camponeses deveriam receber uma assistência agrícola reforçada. Nestas áreas de influência dos Nuar o Estado deveria aumentar a assistência médica e sanitária. Enfim, é nestas partes do espaço rural que o Estado tenta, através da formação de “Comissões de Desenvolvimento Rural” (CDR), organizar a participação da população para a realização do programa. As instituições responsáveis por estes diferentes aspectos se localizam no Nuar e, desta forma, estão próximas aos camponeses. No Nuar, estão localizadas, além destas instituições que trabalham na zona rural, um posto de saúde, uma escola primária e um armazém da Companhia Brasileira de Armazenamento (Cibrazem).

Dentro da zona urbana do Nuar, são distribuídas parcelas aos camponeses da área de influência para que estes possam construir uma segunda casa no Nuar com a finalidade de aproveitamento de seus serviços. São também distribuídas parcelas a comerciantes interessados (para um exemplo de Nuar veja a Fig. 6).

O Nuar é, portanto, fundado sobre a idéia de melhorar as condições de vida da população rural, aperfeiçoando assim a infra-estrutura rural e intensificando a assistência. Para se chegar a este ponto, o meio utilizado é a proximidade com os “serviços centrais” e com a assistência governamental para com os camponeses. O Nuar tem, portanto, de alguma forma, uma função de mediador entre “cidade” e “campo”. Entretanto, o modelo do Nuar nos faz pensar no sistema das localidades centrais dentro dos projetos de colonização da Transamazônica (Agrovila — Agrópolis — Rurópolis, Smith, 1976; Kohlhepp, 1978) que, aliás, fracassou.

No que se refere à realização das medidas do PDRI-RO, devemos constatar, entretanto, um contraste considerável entre plano e realidade.

Encontramo-nos, efetivamente, em confronto com problemas de ordem técnica, problemas ligados à qualificação e às características do pessoal, mas, sobretudo, problemas de ordem mais geral, provocados pelo desenvolvimento inquietante da região (aumento da migração, aumento dos conflitos de terra) e ligados, assim, direta e indiretamente, à política nacional.

A assistência rural pela Emater-RO (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) se vê, por exemplo, limitada em sua eficiência pela difusão de métodos pouco adaptados e pela falta de formação de seus colaboradores, mal integrados às condições regionais. A introdução e a difusão de culturas e de sistemas de produção adaptados, medidas que são de importância prioritária na concepção da assistência rural, são deficientes pelas ausências de créditos agrícolas convenientes e de um sistema de comercialização adequado.

Da mesma forma, no que se refere à participação dos camponeses no Polonoroeste, podemos constatar que a formação das “Comissões de Desenvolvimento Rural” (CDR) permanece, na maioria dos casos, como uma ação pura-



Casas de habitação

- em construção
- construída, não habitada
- habitada
- abandonada

Casas de uso comercial (incl. habitação)

- em construção
- construída, não utilizada
- utilizada
- abandonada

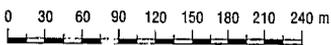
- Bar, "bolicho"
- ◆ Escola de datilografia
- ▲ Farmácia
- Bazar
- ◇ Oficina mecânica
- ◆ Dentista
- ▲ Cerealista (Máquina de arroz)
- * Serraria
- + Igreja

Construções de infra-estrutura pública

- 1 Centro administrativo
- 5 Área reservada à CIBRAZEM
- 2 Posto de saúde (PS II)
- 6 Caixa de água
- 3 Colégio
- 7 Gerador de energia (motor de óleo diesel)
- 4 Casa de trânsito (reservado aos técnicos)

Desenvolvimento urbano

- Levantamento □ 1.8.1983 □ 1.11.1983 ■ 1.11.1984



Elaboração: Martin Coy, 1985

FIGURA 6 — MAPA FUNCIONAL DO NUAR "NOVA COLINA".

mente administrativa, sem nenhuma vida própria. A metodologia da instituição responsável e a falta de colaboradores preparados para um trabalho participante contribuem para este insucesso. Em nível mais elevado, podemos pensar que nunca houve interesse político em se promover uma verdadeira participação da população. Segundo a lógica do Estado autoritário, não há lugar para isso. Assim, a hipótese, segundo a qual o aspecto participante tem mais função de alibi, pode parecer legítima.

A reação tão brusca do Estado às iniciativas próprias dos camponeses, organizados em “Associações de Pequenos Camponeses” regionais (p. ex. Arcopam, Araopam, Arjopaam) para defender seus interesses econômicos e políticos, se insere dentro do mesmo contexto (o apoio da Igreja católica e luterana a estas associações certamente reforçou esta reação do Estado).

6.1.1. O desenvolvimento urbano dos Nuar no PIC Ouro Preto

Com relação ao desenvolvimento urbano dos Nuar, levantamentos realizados nos três Nuar existentes no PIC Ouro Preto demonstram uma atividade considerável nestas novas localidades pouco tempo depois de sua fundação, mesmo que este desenvolvimento seja talvez mais fraco do que em muitas novas cidades “espontâneas” (p. ex. Rolim de Moura, Alvorada do Oeste, etc.).

Para os “serviços centrais”, contudo, a atratividade dos Nuar ainda se mantém restrita para a população das zonas rurais, já que o setor comercial é fraco (os comerciantes mais importantes ainda não abrem filiais nos Nuar em conseqüência dos problemas técnicos do abastecimento de água e de energia). A localização das instituições de maior importância nas cidades e a inexistência de uma agência bancária ou postal reduzem igualmente esta atratividade. A isto se acrescentam os problemas de funcionamento dos serviços públicos (p. ex. o Estado não garante o funcionamento dos postos de saúde e não há entreposto da Cibrazem).

Também nesta área constatamos o contraste entre a concepção inicial e a realidade. A meta inicial do Nuar de ser um local de residência para a população rural de sua área de influência demonstrou ser irrealizável, em razão dos recursos limitados desta população e porque esta prefere a residência no próprio local de exploração. Daí um grande número de camponeses que receberam uma parcela no Nuar ter diretamente vendido esta parcela, ou construído uma casa como “reserva de valores” ou simplesmente começado uma construção como garantia de propriedade (as parcelas sem construção, depois de um certo prazo, eram redistribuídas). A Fig. 6 mostra o grande número de casas em construção. A pesquisa realizada junto a 90 habitantes dos três Nuar no PIC Ouro Preto (Nova Colina, Nova União, Teixeirópolis, Fig. 5) mostra que 47% dos interrogados receberam sua parcela urbana da administração pública (destes 47% muitos não vêm da zona de influência do Nuar propriamente dito), 43% compraram sua parcela, prova da existência de um mercado imobiliário considerável nos Nuar, e 10% moram em casas alugadas. Sobre o mercado imobiliário, observamos igualmente uma certa tendência à concentração: 22% dos interrogados já possuem mais de uma parcela urbana, o que era proibido no projeto inicial.

Tudo isto se reflete na estrutura sócio-econômica dos habitantes: apenas 23% dos interrogados possuem uma propriedade agrícola na zona rural, 16% venderam sua propriedade rural antes de se estabelecerem no Nuar, 48% não possuem nenhuma exploração rural na região, 8% possuem uma chácara (um “minifúndio” nos arredores do Nuar), 6% reivindicaram uma marcação (um terreno invadido no parque indígena “Lourdes” — trata-se de habitantes do Nuar Nova Colina, limítrofe ao parque indígena), (levantamentos realizados pelo autor no PIC Ouro Preto 1983/1984).

A explicação é encontrada, mais uma vez, no desenvolvimento regional de ordem mais geral: muitos migrantes, recentemente chegados em Rondônia e não vindo mais a realização de suas idéias iniciais de obtenção de terras de colonização, se estabelecem nestes Nuar tentando ganhar a vida com um trabalho urbano (construção, artesanato, comércio, etc.). Outros trabalham como assalariados ou parceiros nas explorações rurais dos arredores.

A procedência dos interrogados nos Nuar é também um indicador destas tendências atuais: 41% dos interrogados são de origem urbana (em comparação aos 14% da amostragem da população interrogada na zona rural), dos quais 21% vêm diretamente de uma cidade no Sul ou Sudeste do Brasil (levantamentos realizados pelo autor no PIC Ouro Preto 1983/1984).

Tudo isto insere o Nuar no âmbito mais geral da problemática da frente pioneira dentro do contexto do modelo de desenvolvimento capitalista do Brasil.

A diferenciação social se manifesta igualmente no Nuar na medida em que a população atual é composta principalmente de camponeses que “fracassaram” (aqueles que venderam suas explorações) e de migrantes, expulsos de suas regiões de procedência, em busca de uma “volta ao campo” (a intenção de 76% dos interrogados dentro da zona urbana dos Nuar era adquirir terras em um projeto de colonização). Estes se vêem agora impedidos de realizar suas intenções e contribuirão, portanto, para a formação de uma classe de “sem-terras” na frente pioneira.

Tendo em vista a capacidade restrita do setor comercial dos Nuar, apenas uma minoria poderá ganhar a vida a longo prazo no Nuar através de um emprego urbano propriamente dito. Mas o “inchamento” do setor terciário, já observado neste Nuar (a quantidade de “bares” e “boliches” no exemplo demonstrado — Fig. 6), e o nascimento de um “setor informal” devem também ser considerados como “estratégias de sobrevivência”.

Não podemos negar o risco de marginalização. A este propósito: o argumento, freqüentemente usado pelos pesquisadores no Brasil, de uma instalação dos Nuar com o único fim de fornecer uma “reserva” de força de trabalho destinada a grandes explorações futuras, nos parece exagerado. Tendo em vista o processo de mudança e de diferenciação, ele poderia, contudo, um dia se revelar certo.

6.2. *Os novos projetos de colonização*

Para terminar, algumas indicações a respeito da instalação de novos projetos de colonização no âmbito do programa Polonoeste. Os quatro novos

projetos de colonização (Urupá, Machadinho, Cujubim, Capitão Sílvio, Fig. 2) poderão absorver 15.800 famílias de camponeses. Um desses projetos (Urupá) já está realizado, e um outro se encontra em fase de realização (Machadinho).

Considerando o elevado número (20.000 famílias) que já foi selecionado pelo Incra em 1982 (última seleção) para receber uma exploração dentro de um projeto de colonização, veremos que apenas uma parte destas famílias — elas já moram há pelo menos três anos em Rondônia — poderá aproveitar destes novos projetos. Assim, até agora 14.000 famílias, apesar de selecionadas, ainda não receberam terra (informações fornecidas pelo Mirad/Incrá-Dr/RO, Porto Velho, julho de 1985).

Tendo em vista o crescimento da migração nestes últimos anos, o número de famílias que espera a atribuição de terras de colonização deveria ser, na realidade, ainda mais elevado. Constatamos, então, que a distância entre a demanda e a oferta de terra não diminuirá com os novos projetos. Ao contrário, esta distância aumentará devido à migração, ligada — como já vimos — ao Polono-roeste pelo asfaltamento da BR 364.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento da região “ultrapassa” a realização do planejamento. Desta forma, as estratégias do Estado se revelam incapazes de estruturar este desenvolvimento. As conseqüências serão, portanto, uma continuação do processo de diferenciação social, a aceleração da urbanização, o agravamento de conflitos fundiários, aliás, já visível (invasões de grandes fazendas, p. ex., fazenda “Santa Júlia”, fazenda “Catuva” — durante o último conflito, em julho de 1985, um padre italiano foi assassinado por pistoleiros).

O conflito de interesses entre a estratégia camponesa de “terra para trabalhar” e a necessidade de proteção das populações indígenas e do meio ambiente se agrava a cada dia (as invasões das reservas florestais nos novos projetos, Urupá e Machadinho, são reveladores disto).

Dentro deste contexto, a implantação de outros novos projetos de colonização ao longo da nova estrada RO 429 Presidente Médici-Costa Marques (Fig. 2 e Quadro 2) irá acelerar este conflito através da abertura de uma nova frente pioneira no interior de Rondônia e aumentará o perigo para a população indígena (especialmente a reserva indígena dos Uru-Eu-Wau-Wau, Fig. 2) e para as regiões que ainda vivem dentro de um ecossistema intacto (sobretudo no vale do Guaporé).

São as contradições de base de qualquer frente pioneira, seja ela “frenteira camponesa” ou “frenteira capitalista”. Tais contradições se exprimem pelos conceitos opostos de valorização, transformação e destruição a níveis tanto sócio-econômicos como ecológicos.

BIBLIOGRAFIA

BECKER, BERTHA K., 1982. — *Geopolítica da Amazônia. A Nova Fronteira de Recursos*. Zahar Ed., Rio de Janeiro, 233 pp.

- BRET, BERNARD., LE GAUFFREY, YANN., THERY, HERVE., WANIEZ, PHILIPPE, 1984. — *La population brésilienne: dynamique démographique et spatiale*. In: *Problèmes d'Amérique latine*, n° 73, Notes et Etudes documentaires, n° 4.764, pp. 121-144.
- BUNKER, Stephen G., 1983. — *Policy Implementation in an Authoritarian State: A case from Brazil*. In: *Latin American Research Review*, vol. 18, n° 1, pp. 33-58.
- CEPA-RO, 1983. — *Ações do Setor público agrícola de Rondônia voltadas ao Pequeno Produtor*. Porto Velho, 66 pp.
- CPT (Comissão Pastoral da Terra), 1983. — *CPT: Pastoral e Compromisso*. Ed. Vozes, Petrópolis, 105 pp.
- CPT (Comissão Pastoral da Terra), 1984. — *Conflitos de Terra no Brasil*. Goiânia, 15 p.
- CPT (Comissão Pastoral da Terra), 1985. — *Conflitos de Terra no Brasil*. In: *Cadernos do CEAS*, n° 98, pp. 16-26.
- CREDAL (ed.), 1981. — *Les phénomènes de "frontière" dans les pays tropicaux*. Tra-vaux et mémoires de l'Iheal, Paris, 456 pp.
- DAVIS, SHELTON, 1977. — *Victims of the Miracle: Development and the Indians of Brazil*. New York.
- EGLIN, JEAN., THERY, HERVE, 1982. — *Le pillage de l'Amazonie*. Maspéro, Paris, 201 pp.
- FOUCHER, MICHEL, 1974. — *La mise en valeur de l'Amazonie brésilienne, la route transamazonienne*. in: *Problèmes d'Amérique latine*, n° 33, Notes et Etudes docu-mentaires, n° 4.110/4.111, Paris.
- POWERAKER, JOE, 1981. — *The Struggle for Land. A political Economy of the Pioneer Frontier in Brazil from 1930 to the Present Day*. Cambridge University Press, Cam-bridge, U.K., 258 pp.
- GALL, NORMAN. 1978. — *Letter from Rondônia*. American University Field Staff, Washington D.C.
- GALTUNG, JOHAN, 1971. — *A Structural Theory of Imperialism*. in: *Journal of Peace Research*, vol. 8, n° 2, pp. 81-118.
- GALTUNG, JOHAN, 1975. — *Strukturelle Gewalt. Beiträge zur Friedens und Konflikt-forschung. rororo-aktuell*, Reinbek, 158 pp.
- GOODLAND, ROBERT, 1985. — *Brazil's environmental Progress in Amazonian De-velopment*. In: Hemming John, ed., 1985. *Change in the Amazon Basin*, vol. 1, Manchester, pp. 5-35.
- HEBETTE, JEAN., MARIN, ROSA AZEVEDO, 1982. — *Etat et appropriation sociale de l'espace. La colonisation à Ariquemes, Rondônia*. IGU — Latin American Re-gional Conference, Belo Horizonte, 28 pp.
- HENNESSY, ALISTAIR, 1978. — *The Frontier in Latin American History*. London/Al-buquerque.
- KATZMANN, MARTIN T., 1975. — *The Brazilian Frontier in Comparative Perspective*. In: *Comparative Studies in Sociology and History*, vol. 17, n° 3, pp. 266-285.
- KOHLHEPP, GERD, 1978. — *Siedlungsentwicklung und Siedlungsplanung im zentralen Amazonien. Gedanken zum zentralörtlichen System. "Agrovila — Agrópolis — Rurópolis"*. In: *Frankfurter Wirtschaftst — und Sozialgeographische Schriften*, vol. 28, pp. 171-191.
- KOHLHEPP, GERD, 1980. — *Analysis of state and private regional development pro-jects in the Brazilian Amazon Basin*. In: *Applied Geography and Development*, vol. 16, pp. 53-79.
- KOHLHEPP, GERD, COY MARTIN, 1985. — *Conflicts of Interests and Regional*

- Development Planning in Colonizing the Brazilian Amazon: The Case of Rondônia.* (à paraître).
- LEAL, PAULO NUNES, 1984. — *O outro braço da cruz.* Porto Velho, 316 pp.
- LEVI-STRAUSS, CLAUDE, 1955. — *Tristes Tropiques.* Plon, Paris.
- MAHAR, DENNIS, J., 1979. — *Frontier Development Policy in Brazil. A Study of Amazonia.* Praeger, New York.
- MAHAR, DENNIS, J., 1982. — *Instituições internacionais de Empréstimo e o Desenvolvimento da Amazônia brasileira: a Experiência do Banco Mundial.* In: *Revista de Administração Pública*, vol. 16, n° 4, pp. 23-38.
- MARTINE, GEORGE, 1982. — *Expansão e Retração do Emprego na Fronteira Agrícola.* In: *Revista de Economia Política*, n° 2/3, pp. 53-76.
- MARTINS, JOSÉ DE SOUZA, 1975. — *Frente Pioneira: Contribuição para uma Caracterização Sociológica.* In: *Capitalismo e Tradicionalismo. Estudos sobre as Contradições da Sociedade Agrária no Brasil.* Livraria Pioneira Ed., São Paulo, pp. 43-50.
- MARTINS, JOSÉ DE SOUZA, 1982. — *Expropriação e Violência. A Questão Política no Campo.* Hucitec, São Paulo, 181 p.
- MARTINS, JOSÉ DE SOUZA, 1983. — *Os Camponeses e a Política no Brasil. As Lutas sociais no Campo e seu Lugar no Processo Político.* Ed. Vozes, Petrópolis, 185 pp.
- MARTINS, JOSÉ DE SOUZA, 1984. — *A Militarização da Questão Agrária no Brasil. Terra e Poder: O Problema da Terra na Crise Política.* Ed. Vozes, Petrópolis, 134 pp.
- MONBEIG, PIERRE, 1952. — *Pionniers et Planteurs de São Paulo.* Paris.
- MOOG, VIANA, 1969. — *Bandeirantes e Pioneiros.* Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.
- MORAN, EMÍLIO F., 1981. — *Developing the Amazon.* Indiana University Press, Bloomington/Ind., 292 p.
- MORAN, EMÍLIO F., 1983. — *Growth without Development: Past and Present Development Efforts in Amazonia.* In: Moran, Emílio F. ed., 1983: *The Dilemma of Amazonian Development.* Westview, Boulder/Col., pp. 3-24.
- MUELLER, CHARLES C., 1980. — *Recent Frontier Expansion in Brazil: The Case of Rondônia.* In: Barbira-Scazzochio. F. ed., 1980: *Land, People and Planning in contemporary Amazonia.* Cambridge, U.K., pp. 141-153.
- MUELLER, CHARLES C., 1983. — *O Estado e a Expansão da Fronteira Agropecuária na Amazônia Brasileira.* In: *Estudos Econômicos*, vol. 13, n° 3, pp. 657-679.
- SAWYER, DONALD F., 1983. — *Fluxo e Refluxo da Fronteira Agrícola no Brasil: Ensaio de Interpretação Estrutural e Espacial.* Seplan-AM, Manaus, 28 pp.
- SCHMINCK, MARIANNE, 1981. — *A Case Study of the Closing Frontier in Brazil.* *Amazon Research Paper Series*, n° 1, Center for Latin American Studies, University of Florida, Gainesville, 35 pp.
- SCHMINCK, MARIANNE, 1982. — *Land Conflicts in Amazônia.* In: *American Ethnologist*, vol. 9, n° 2, pp. 341-357.
- SEPLAN/RO-NURE, 1984. — *Cinco Anos de Migração em Rondônia.* Porto Velho.
- SEPLAN/RO-NURE, 1985. — *Boletim de Migração, 1984.* Porto Velho.
- SILVA, JOSÉ GRAZIANO DA, 1982. — *A Porteira já está fechando?* In: *A Modernização Dolorosa. Estrutura Agrária, Fronteira Agrícola e Trabalhadores Rurais no Brasil.* Zahar Ed., Rio de Janeiro, pp. 114-125.
- SKILLINGS, ROBERT F., 1985. — *Economic Development of the Brazilian Amazon: Opportunities and Constraints.* In: Hemming, John ed., 1985: *Change in the Amazon Basin*, vol. 1, Manchester, pp. 36-57.

- SMITH, NIGEL J.H., 1976. — *Brasil's Transamazon Highway Settlement Scheme: Agrovilas, Agropoli, Ruropoli*. In: *Proceedings of the Association of American Geographers*, vol. 8, pp. 129-132.
- SMITH, NIGEL J.H., 1982. — *Rainforest Corridors. The Transamazon Colonization Scheme*. University of California Press, Berkeley/Cal., 248 pp.
- THERY, HERVÉ, 1981. — *Routes transamazoniennes et réorganisation de l'espace: le cas de Rondônia*. In: *Cahiers d'Outre-Mer*, vol. 34, n° 133, pp. 5-22.
- THE WORLD BANK, 1981. — *Brazil. Integrated Development of the Northwest Frontier. A World Bank Country Study. Latin American and the Caribbean Régional Office*, Washington D.C.
- VALVERDE, ORLANDO, ed., 1979. — *A Organização do Espaço na Faixa da Transamazônia*, vol. 1. IBGE, Rio de Janeiro, 258 pp.
- VELHO, Otávio Guilherme, 1976. — *Capitalismo autoritário e Campesinato. Um Estudo comparativo a partir da Fronteira em movimento*. Difel, São Paulo, 261 pp.
- WAIBEL, LEO, 1955. — *As Zonas Pioneiras do Brasil*. In: *Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil*. IBGE, Rio de Janeiro, 1979, pp. 279-312.
- WOOD, CHARLES, 1983. — *Peasant and Capitalist Production in the Brazilian Amazon: A Conceptual Framework for the Study of Frontier Expansion*. In: Moran, Emílio F., ed., 1983: *The Dilemma of Amazonian Development*. Westview, Boulder/Col., pp. 259-277.
- WOOD, CHARLES, SCHMINCK, MARIANNE, 1979. — *Blaming the Victim: Small Farmer Production in an Amazonian Colonization Project*. In: *Studies in Third World Societies*, vol. 7, pp. 77-93.
- WOOD, CHARLES, WILSON, JOHN, 1982. — *The Magnitude of Migration to the Brazilian Frontier*. Paper presented at the Conference on Frontier Expansion in Amazonia, Center for Latin American Studies, University of Florida, Gainesville, 15 pp.